



M. PEDRO FREITAS *

O DIÁRIO DO ZEZINHO — A primeira consulta (*)

A minha mãe diz que se faz assim, a minha avó diz que no tempo dela se fazia “assado”, as minhas tias-avós, que nunca tiveram filhos, também não deixam de emitir a sua opinião e eu é que acabo por me lixar. O meu pai, esse, a fazer jus à sua condição de macho, mantém-se à distância!

Depois da alta da Maternidade, ao chegar a casa, tinha à minha espera uma comissão de recepção de fazer inveja a muitos políticos.

Eram a minha avó, as minhas duas tias-avós, a minha irmã, umas tias maternas, umas vizinhas, enfim uma multidão!

Mal entrei em casa toda a gente se lançou em cima de mim, que nem “fracelhos” em cima de um pintainho. Todos me queriam pegar e beijar e eu, que queria descanso e sobretudo comer, lá tive de andar de colo em colo e de mão em mão.

Às tantas tive de pôr ordem nesta bagunçada toda, até porque o estômago estava a dar horas e a solução foi desatar aos berros, o que fez minha mãe deitar as mãos à cabeça, ao constatar o número de horas que me tinha deixado sem comer.

Tal como eu, certamente que minha mãe, se lembrou das recomendações dadas na altura da alta sobre a minha alimentação: *esforçar-se por me dar sempre leite materno; colocar-me ao peito, em média, de três em três horas, mas não esquecer que posso ter fome antes das três horas e que, como não sei ir ao frigorífico, nem ao saco do pão, alguém terá que pensar que poderei, em determinadas alturas, ter o apetite mais aguçado.* Aliás esta história do intervalo de três horas que os adultos nos impuseram tem alguns aspectos positivos, pois é uma forma de lembrar às mães mais descuidadas da necessidade de nos dar de comer com regularidade, mas também tem aspectos negativos. Uma vez, depois de “ter comido que nem um padre”, não é que passadas três horas, quando ainda estava de barriga cheia e a dormir a minha sesta, minha mãe achou de me acordar para me dar de comer. “Fiquei para o diabo me levar”. Como vingança desatei aos gritos e, para além de não comer ainda vomitei o leite que tinha no estômago desde a refeição anterior. Minha mãe apanhou um susto dos diabos, mas lá se recompôs e uma vez mais lembrou-se das recomendações que lhe haviam sido dadas sobre a alimentação: *se passadas três horas desde a última refeição, o bebé estiver a dormir, não o devemos acordar, devemos deixar que ele acorde por si, a não ser em situações específicas – prematuridade, baixo peso, etc. - ou então quando passem mais de quatro a cinco horas, principalmente nos primeiros dias de vida, onde há maior risco de hipoglicemia, que para além de poder causar danos cerebrais, aumenta ainda mais a sonolência.* Depois disso, nós os bebés já toleramos jejuns mais prolongados e já conseguimos dar alarme quando estamos com fome e estejam as mãezinhas descansadas porque até parece que engolimos um despertador. Na maior parte das vezes, de forma certa, toca de três em três horas, inclusivamente à noite e nele ninguém tem qualquer poder, nem a lei do ruído, nem o homem que mandou calar os sinos da igreja da Tabúa.

Os primeiros dias na minha casa foram uma espécie de tragédia. Nem queiram imaginar a quantidade de dúvidas levantadas sobre a forma como cuidar de mim e as discussões havidas entre minha mãe, a minha avó e as minhas tias-avós. A propósito, a minha avó materna vive lá em casa juntamente com duas suas irmãs que foram condenadas a ficarem para tias. Se não fosse a minha presença e a da minha irmã, aquilo parecia um lar de terceira idade!

Em relação às dúvidas e discussões tudo deriva do facto de, contrariamente aos electrodomésticos, nós não nascemos acompanhados com um livro de instruções.

A minha mãe diz que se faz assim, a minha avó diz que no tempo dela se fazia “assado”, as minhas tias-avós, que nunca tiveram filhos, também não deixam de emitir a sua opinião e eu é que acabo por me lixar. O meu pai, esse, a fazer jus à sua condição de macho, mantém-se à distância!

De qualquer forma, por mais que se diga mal das avós, a verdade é que não sei o que seria de minha mãe e de mim sem a sua ajuda e sem os seus conselhos.

Ainda que, ao 5.º dia de vida, a passagem pelo centro de saúde, para me fazerem a picadinha do pé, servisse para a minha mãe tirar algumas dúvidas, a verdade é que muitas ficaram por esclarecer.

A propósito da picada do pé, tantas vezes ouvi falar nela que acabei por aceitar a ideia e, contrariamente às outras, nem reclamei. Afinal de contas, o principal interessado era eu, uma vez que se destinava a detectar precocemente se eu tinha ou não hipotiroidismo e fenilcetonúria, duas doenças que se não forem detectadas e tratadas precocemente conduzem a atrasos mentais importantes. Livro!

Ao 8.º dia, as dúvidas eram tantas que os meus pais decidem levar-me ao pediatra. Curiosamente, apesar de no hospital ter sido recomendada a minha observação, em consulta médica, entre o 10.º e o 15.º dia, nunca tinha ouvido os meus pais falarem no pediatra. Por isso, não foi sem algumas reticências que acompanhei todos os passos que conduziram à sua escolha e cuja opção não lembra ao diabo. Ainda que a minha mãe se referisse ao nome de um ou outro que seguia filhos de alguma das suas amigas, não parecia ter grande conhecimento deles, pelo que a opção pelo meu foi feita tal como se escolhe um prato “à lá carte” num restaurante chinês. O meu pai pegou num jornal de domingo, foi à secção dos médicos e de entre os vários nomes de pediatras escolheu aquele que lhe pareceu soar melhor.

Ainda que tivesse dormido durante o percurso, quando cheguei ao consultório, fiz todos os possíveis por ficar acordado para poder aferir da qualidade da escolha do meu pai. Depois de uma seca de cerca de uma hora, ouço chamar pelo meu nome. Era o grande momento, não só para conhecer o

pediatra, aquele a quem os meus pais escolheram para vigilante da minha saúde, mas também para esclarecer alguns problemas e acabar com as discussões lá em casa entre a minha mãe e as “velhas”.

Como só tenho 8 dias e ainda não vejo bem, ir ao pediatra foi como ir a “Roma e não ver o Papa”, uma vez que da sua cara apenas fiquei com a imagem de uma mancha desfoçada a preto e branco. De qualquer forma fiquei com a sensação de já a ter visto em qualquer parte.

Fui observado de forma exaustiva. Na altura em que estava a ser pesado não consegui controlar a vontade de fazer chichi e fiz um tão grande que não só me chegou à cara, como ainda atingiu o pediatra, que em vez de se zangar ainda disse: *ainda bem! Com um jacto tão forte, de certeza que o bebé não tem válvulas da uretra posterior, ou seja, tem o equipamento a funcionar bem.* A mim, quando me chegaram umas gotas de urina à boca, só me lembrei da minha avó, que me queria meter a fralda molhada de chichi na boca para tratar dos sapinhos que achava que eu tinha. Não sei é se era melhor o chichi, se o vinagre preconizado pela minha tia-avó, para o mesmo efeito!

Feita a observação e colocado a par das dúvidas da minha mãe, escritas minuciosamente num papelinho para não esquecer nada, tal como se tratasse de uma lista de compras, o pediatra começa por dizer que estava tudo bem comigo, que o facto de não ter aumentado de peso era normal, uma vez que após o nascimento havia habitualmente uma perda fisiológica, mas que recuperaria até ao 10.º dia.

A propósito do leite materno e porque, não raras vezes, eu queria comer com intervalos inferiores a três horas, o que fazia com que minha avó colocasse em causa a qualidade do leite, o pediatra diria que não existam leites de má ou boa qualidade, o que existiam eram leites em quantidade ou não e, pelo que havia constatado, minha mãe tinha-o em quantidade suficiente para as minhas necessidades. Eu, é que às vezes era glutão, outras, não me apetecia comer o suficiente e depois tinha de antecipar a refeição seguinte e, outras vezes ainda, gostava da segurança e conforto que me dava o contacto físico com a minha mãe. Aliás, era por isso que, quase sempre, passados poucos minutos, adormecia ao peito, o que deixava a minha mãe preocupada, uma vez que pensava que eu não tinha comido o suficiente e perante as dúvidas, lá o pediatra explicou que não valorizasse esse facto, não só porque eu estava bem de peso, como habitualmente os bebés mamavam a maior parte do leite de que necessitavam nos primeiros minutos. Naturalmente que nos bebés mandriões, o que não era o meu caso, às vezes se justificava fazer algumas manobras no sentido de os manterem despertos para poderem mamar. Ao ouvir esta última frase, o meu pai, que nos acom-

panhou ao pediatra e que até ali não tinha aberto a boca, logo disse: Oh doutor, esses então nunca mais chegam a políticos!

Dar-me ou não água foi outra das dúvidas que mais transtorno deu à minha mãe desde que nasci, o que não é para admirar, dada a insistente pressão das velhotas lá de casa. A verdade é que aquela “porcaria” não tem gosto nenhum e quando me tentam dar, fecho logo a boca, o que não acontece quando juntam um pedacinho de açúcar. Aí sim, bebia nem que fosse um litro.

A resposta do pediatra, por um lado, agradou-me mas, por outro, entristeceu-me e já irão perceber porquê! Segundo ele, salvo em situações pontuais, como gastroenterite, hipersudorese, etc., não é necessário dar água aos bebés, principalmente se estiverem a ser amamentados ao peito ou, não estando, se a diluição do leite for correcta, mas também não é proibido dar. Se lhe for dada água e ele rejeitar, não é porque ele não goste, mas é porque não tem sede. Mais, nesta situação NUNCA, mas mesmo nunca se deve adicionar açúcar. Que pena! E eu que gosto de açúcar!

Como a conversa já fosse longa e a minha barriguinha começasse a sentir a falta do leite, tentei chamar a atenção com uma imitação de choro, ao que a minha mãe respondeu colocando-me na boca uma “porcaria” de borracha, com sabor desagradável, onde se mama, mama mas não sai nada. É claro que quando não tenho fome e apenas necessito de segurança, na falta de melhor, ainda me contento com aquela coisa, mas naquele momento, a solução foi mesmo cuspir a chucha e desatar aos berros.

Foi uma solução milagrosa, consegui gerar uma tal confusão no consultório que a minha mãe guardou a lista de dúvidas quando elas ainda não iam a meio e o pediatra quase não teve tempo para lembrar a necessidade de me levar novamente ao Centro de Saúde para fazer o BCG, ou seja, a vacina contra a tuberculose e a vacina contra o vírus da hepatite B.

Ao sair do consultório e porque o meu choro não era fita, num recanto da sala de espera comi a minha refeição, ao mesmo tempo que queimava os meus neurónios, a tentar saber onde já tinha visto a cara do pediatra!

* Médico Pediatra

(*) Para quem só neste momento teve contacto com este diário, importa recordar que ele não é mais do que um retalho da vida do zezinho, um puto nascido na maternidade do Centro Hospitalar do Funchal, no dia 25 de Dezembro de 2001 e que, aos 14 meses decidi, tal como sua irmã, redigir o seu diário. Como não sabia escrever incumbi essa tarefa ao seu pediatra. Em números anteriores (1 de Março e 5 de Abril) foram publicadas as peripécias porque passou desde que foi concebido até ao seu nascimento e alta hospitalar.